

APRESENTAÇÃO

Género, Sexualidades, Raça. Que Poesia Hoje?

O título que escolhemos para o número 16 da revista *eLyra – Género, Sexualidades, Raça. Que Poesia Hoje?* – sugere já a inflexão teórico-crítica da nossa proposta: pensar de que modo a poesia, enquanto linguagem libertadora, desempenha um papel crucial nas mudanças sociais e, ao mesmo tempo, em que medida as mudanças sociais são um motor de poesia nas mais variadas declinações do poema.

“O pessoal é o político”, reivindicavam os movimentos feministas do final dos anos 60, em diálogo com a conhecida abertura do discurso de Martin Luther King “Tenho um sonho”, ou com as declarações de orgulho da comunidade LGBT pela mesma altura. “Não consigo respirar”, sussurrou George Floyd antes de morrer, assassinado em maio de 2020, às mãos de um sistema em que a linguagem do ódio se tem vindo a sobrepor à da solidariedade, ameaçando destruir as conquistas alcançadas pelas mulheres e pelas minorias ráticas, étnicas ou sexuais. A resposta ao brutal assassinio de Floyd traduziu-se numa onda de protestos a nível global, em que a respiração e seu silenciamento passaram a ter uma fortíssima carga simbólica, que se estende agora a uma sociedade que não viu cumpridas as promessas e as reivindicações formuladas há cinquenta anos – antes parecendo assistir ao perigo do seu esboroamento. Do mesmo modo, no Brasil, o genocídio acelerado dos índios pela pandemia da COVID-19 cria uma demanda de agentes políticos justos e de políticas justas, inclusivas/os quanto à diversidade do nosso mundo, preservando a selva amazónica, pulmão essencial para a nossa respiração.

A poesia, na sua vertente de inspiração, é também respiração. É que, como disse a poeta norte-americana Adrienne Rich, “numa época de ataques frontais à linguagem e à solidariedade humana a poesia pode lembrar-nos de tudo aquilo que estamos em risco de perder – inquietando-nos, encorajando-nos a romper com a resignação”. Este gesto de rebeldia implica denunciar e combater o crescente sexismo, racismo, homofobia, transfobia, que, enquanto geradores da clivagem social responsável pela manutenção da violência, não deixam de estar interligados. “Há uma palavra que empunha uma espada / Pode trespassar um homem armado”, escrevia Emily Dickinson em meados do século XIX. É que produzir linguagem é preencher um mundo de sentidos. As palavras que dizemos e escrevemos têm, tal como os nossos gestos, consequências ora letais ora emancipatórias sobre os corpos que habitam o planeta em que vivemos – os seres humanos e todas as es-

pécies. Este número da revista *eLyra* reflecte as preocupações da linha Intersexualidades: promover uma reflexão crítica sobre corpos, políticas sexuais e relações de poder, num espaço transnacional alargado, a partir das perspetivas fornecidas pelas teorias contemporâneas sobre género, sexo e sexualidades, cruzadas com uma outra categoria – a raça.

O número divide-se em quatro secções: Artigos, Vozes, Olhares e Conversas. A secção ARTIGOS, como é habitual em publicações desta natureza, aborda os temas propostos, partindo de perspetivas críticas e teórico-literários. Esta secção abre com o artigo de Maria Irene Ramalho “Writing and Merriment: Gertrude Stein’s Erotics of Language”, no qual a autora aproxima biografia e escrita na poeta norte-americana Gertrude Stein, fazendo cruzar a vida amorosa de Stein (a sua relação com Alice B. Toklas) com a dimensão erótica da sua poesia. Por sua vez, o artigo de Rita Terezinha Schmidt “Corpo/Palavra/Sangue: O levante de *Sangria*” centra-se na poesia de Luiza Romão, trabalhando, com destaque para questões de género e raça, a relação entre palavra, corpo e imagem que permeia a obra desta jovem poeta brasileira de filiação performativa. Já Graça Capinha, no artigo “‘Tommy goes out into the night to seek an elf’: o (des-)tecer e o (des-)dizer do sujeito nas obras de Robert Duncan e de Jess”, parte de uma dimensão interartística, explorando a questão da construção da identidade pela negativa nas obras do poeta Robert Duncan e do seu companheiro, o químico e pintor Jess (Collins). Em “Fios de memória que atravessam o mar”, Simone Pereira Schmidt oferece uma leitura comparatista da poesia da autora brasileira Conceição Evaristo e da escritora guineense Odete Semedo, a partir de uma abordagem feminista e decolonial. Intitulado “A língua política e a política poética na poesia encarnada de Alex Simões”, o artigo de Djalma Thürler e Duda Woyda aborda a poesia de Alex Simões e a experiência híbrida que dela emerge, incidindo sobre relações entre ética e estética. Em “Espelho de Narciso ou de Oxum? A poesia erótica negro-brasileira antologizada”, Claudicélio Rodrigues da Silva discute a representação da sexualidade e do erotismo na poesia de escritores negros, interrogando o conceito mesmo de uma “escrita erótica negra” a partir de um discurso e de uma ideologia hegemónicas. “‘Our skin is a monument’: corpo, raça, mulher em alguma poesia (africana) em português” – a partir deste título Livia Apa reflete sobre o papel emancipatório da palavra poética no espaço africano de língua oficial portuguesa e da diáspora no que diz respeito ao género e à raça. Finalmente, Haja Marie Kanu, em “Poetics of a Black Revolt”, explora a relação entre violência policial, pandemia e capitalismo, a partir do trabalho de poetisas negras como Audre Lorde, Ericka Huggins ou Warsan Shire.

As secções seguintes são de registo artístico e testemunhal, cruzando a poesia com outras artes. Assim, a segunda secção, VOZES, tentou responder à questão “Que poesia hoje?”, apresentando um conjunto de 15 poetisas oriundas de diferentes países e regiões: de Angola, Ana Paula Tavares; do Brasil, Miriam Alves; do Canadá, Dionne Brand e M. NourbeSe Philip, ambas de origem caribenha, e Nicole Brossard; da Catalunha, Anna Aguilar-Amat; da China, Zhang Er; dos Estados Unidos, Alexis De Veaux, Rachel Blau DuPlessis e Susan Howe; da Galiza, Marta Dacosta; e de Portugal, Ana Luísa Amaral,

André Tecedeiro, Margarida Vale de Gato e Maria Teresa Horta. Os poemas portugueses são inéditos, tal como acontece com os poemas em inglês de NourbeSe Philip, Alexis De Veaux e Nicole Brossard. Os outros poemas são aqui apresentados pela primeira vez em tradução a cargo das organizadoras do volume. Todos eles tematizam questões relacionadas com género e raça, ou género e sexualidades.

Por sua vez, OLHARES contempla a obra plástica de cinco artistas: a dupla grega Maria Klonaris e Katerina Thomadaki, a norte-americana Susan Bee, a portuguesa Isabel Carvalho e o português André Tecedeiro. Finalmente, CONVERSAS apresenta, em áudio, duas entrevistas conduzidas pelas organizadoras deste número ao poeta e artista plástico André Tecedeiro e à artista plástica norte-americana Susan Bee (a autora da capa deste número).

Cruzando o ético e o estético, este número da *eLyra* pretendeu dar conta da experiência de opressões sobrepostas, revelando poetisas e poéticas que alteram o modo como entendemos o mundo em que vivemos, interrogando os sistemas políticos e culturais e fazendo-o de forma interseccional. Mostrando como a poesia pode, afinal, ser também veículo para discurso cultural e para produção de pensamento crítico – tendo, como pano de fundo, o que lhe dá vida: a imaginação criadora.

Ana Luísa Amaral
Catherine Dumas
Graça Capinha
Marinela Freitas